

Do pequeno quadrado da tela: o jardim

As pinturas e os objetos de Leonora Weissmann abrigam o encanto do artifício, de onde surgem, pelo efeito do pincel, das lentes e do espelho, a magia das imagens desdobradas, repetidas, desfocadas. A poética dos reflexos traz-nos pela possibilidade de inversão e rebatimento das imagens uma ordem labiríntica, o equívoco do princípio e do fim, transformando o determinado em indeterminado. É essa poética que permite Leonora sustentar em sua pesquisa os cenários-miragens, “os espaços vagamente delimitados”. Seu olhar ora se volta para a imensidade da tela, retratos sob paisagem, ora para um pequeno quadrado, para as imagens fugidias, que parecem deslocar-se da paisagem para o interior dos volumes. Nas pinturas, vêem-se retratos e auto-retrato sob paisagem. Uma lente perambula pela superfície da tela, como que delimitando alguns canteiros, aproximando-se de um detalhe e dele se afastando, desfocando-o até o apagamento, até o branco e o vazio da tela: a colheita de toda a espécie de imagem. Essa colheita para além da percepção estética abre a experiência artística à exploração das pequenas impressões, sensações ínfimas, imperceptíveis que acompanham necessariamente a apreensão de uma forma pictural. Imagens despojadas de sua significação verbal, aquelas que advêm da fantasia dos sonhos e associadas aos pensamentos imperceptíveis, pensées volantes que formam o material imagético de todas as artes, e com os quais Leonora circunscreve os “espaços vagamente delimitados”. Os canteiros construídos no interior de caixas coloridas recebem, como nos livros, títulos, textos-ícones que antecipam ao leitor, através das letras impressas, a imagem do que está dentro: “O Jardim Invisível mostra a paisagem que se quer ver”; “O Jardim dos Sussurros: também invisível, porém não mostra a paisagem que se quer ver”; “O Jardim das Sombras guarda a memória de uma paisagem”; “Jardim: dedicado aos jardins, é uma pintura abstrata”. Jardins e paisagens se reenviam nos espaços vagamente delimitados instigando-nos a procurar seus contornos, as semelhanças e diferenças que os caracterizam. Na leitura de Jean-Luc Nancy, a paisagem começa pela noção vaga e confusa de longínquo e de um perder de vista que atinge tanto o olho físico quanto o do espírito. Com relação à paisagem, talvez a questão que se coloque seja a de uma mistura do próprio e do inapropriável, do comum, partilhado, e do impartilhado, isolado, delimitado... Ou ainda: como a paisagem distingue o indistinto e indistingue o distinto? No jardim não pode haver paisagem. Ele pode somente propor lembranças, citações de tipos de paisagem (o princípio dos jardins chineses). Não se trata somente de uma questão de dimensão: é uma questão relacionada ao longínquo, para além do sentido de distância. Existem jardins, parques, de grandes dimensões e cujas perspectivas, regulares ou não, podem ir a perder de vista. Mas se a vista se perde nele, a consciência nele

permanece como consciência do domínio e como uma certeza de que nele não se perderá jamais. Ao lado da concretude fechada do objeto, contrasta a abertura dada pela efemeridade com qual Leonora nomeia seus jardins. As notas explicativas e/ou subtítulos, ao contrário de esclarecer, desmancham o sentido, para acolher a ambigüidade da palavra poética, aquela que não se decide de uma vez por todas, e de onde é possível à palavra invisível mostrar ou não mostrar a paisagem que se quer ver. Entra-se no jogo proposto por Leonora: aparecer/desaparecer, velar/desvelar, movimento de oscilação sem fim, que mantém o fluxo ininterrupto entre imagem e texto. “O que Texto expõe, Imagem põe e depõe. O que Imagem configura, Texto desfigura. Mas é isso mesmo sua coisa e causa comum, o que distintamente oscila entre os dois em um espaço fino como uma folha: frente o texto e verso a imagem, ou vice (imagem)-versa (texto)”. (NANCY, 2003. p. 144) Veja-se o Jardim de Sombras – aquele que guarda a memória de uma paisagem. Não seria igualmente justo dizer que a paisagem é o abrigo da memória de todos os jardins? Talvez essa medida de contorno seja a medida artística e filosófica por excelência: aquela que define o infinito no finito, eis a mágica de Leonora – nosso olhar tanto é aprisionado em suas caixas e telas quanto se liberta – a perder de vista – no longínquo do jardim e da paisagem.

*

Contemplo ainda uma vez o auto-retrato com o mar ao fundo e no pequeno quadrado da tela vejo uma caixa azul, talvez um espelho d’água que reflete a imagem da artista, de onde Narciso me olha sob outro ponto de vista, tal como o vê Blanchot: Narciso não se reconhece na miragem fluida que lhe reenvia a água, não é um apaixonado por si mesmo, mas um fascinado pela imagem, pelo desconhecido e pela instabilidade de algo representado. Ele não morre, dissolve-se no imaginário, sem presença e sem modelo.

Daisy Turrer 2006

NANCY, Jean-Luc. *Au fond des images*. Paris: Galilée, 2003.